

O MUNDO URBANO NA OBRA DE LIMA BARRETO:

Classes média e pobres nos subúrbios do Rio de Janeiro.

Rita de Cassia Guimarães Melo – Universidade Federal de Uberlândia – Instituto de História

As mudanças vertiginosas dos cenários da cidade do Rio de Janeiro e dos comportamentos dos seus habitantes são temas que constituem a escrita de Lima Barreto que, no entanto, guarda uma singularidade diante dos cronistas Machado de Assis e João do Rio.

Paulo Barreto, por exemplo, ao escolher como pseudônimo literário João do Rio, inconscientemente traçava uma espécie de autocrítica; crismar-se João do Rio, traía o propósito de ser, mesmo na ficção, um cronista da cidade, e da cidade do seu momento, deslumbrada ao descobrir-se grande capital, e por isso mesmo tendendo de algum modo a se descarecterizar. Não é o Rio, tão humano e tão brasileiro, de Machado de Assis e Lima Barreto, que aqui se evoca, mas o Rio Cosmopolita dos esnobes, sempre com um pé nos transatlântico; dos five o'clock teas substituindo as boas merendas, dos pardais importados afugentando os pássaros nacionais, de gente sofisticada, cheia de vícios elegantes, desprezando as domésticas virtudes dos velhos cariocas.¹

Há uma diferença de perspectiva que proporciona a Lima Barreto um campo de visão diferenciado, ou seja, ao se colocar efetivamente ao lado dos boêmios, dos pobres, dos loucos, dos vagabundos, das prostitutas etc – gente que habitava o lado mais sórdido da cidade renegada - o cronista não só relata as suas vivências como as incorpora, deixando-se marcar por todos os dilemas experimentados por aqueles homens e mulheres. Essa opção pelos menos favorecidos torna-o representante e cúmplice de uma parcela considerável da população carioca.

Ao trazer para a literatura os seus dramas pessoais – pois viveu como um pária marcado pelo dilema da pobreza, da loucura, do alcoolismo –, Lima Barreto dá uma conotação diferenciada às experiências vividas naquela época, ultrapassando o sentido estético que a modernidade imprimiu na escrita de João do Rio.² As características de personalidade e os dramas pessoais por si sós não explicam a alma conturbada do escritor. Queremos crer que Lima Barreto não quis ou não conseguiu seguir a fórmula de sobrevivência dada pelo autor de A profissão de Jacques Pederneira, João do Rio: "Conheça-te a ti mesmo" disse o sábio. Era um sábio antigo. O verdadeiro saber está em cada um ignorar a si mesmo."³

Há em Lima Barreto uma outra sensibilidade que não deve ser explorada, levando-se em conta apenas os seus dramas pessoais. A sua singularidade reside no fato de ter sido capaz de travar batalhas com a ordem instituída, caricaturando os poderosos e seus discursos, coisa imperdoável em um mulato sem título e sem dinheiro. Enquanto Lima Barreto se colocava à margem dos valores ditos modernos, João do Rio trilhou o caminho inverso.

João do Rio mostrava-se como um dândi europeu sofisticado, mas ele, da mesma forma que Mário de Andrade, manteve uma vida privada bastante discreta. Talvez a sua preocupação em não divulgar os detalhes de sua vida amorosa explica como este "fresco" logrou chegar às alturas da high society carioca. Na medida em que ele elogiou e reproduziu as normas valorizadas pelas classes dominantes, ele conservou o seu respeito.⁴

Afinal, o que trouxe a República? Para Lima Barreto, a República institui uma ordem social perversa, uma inversão de valores na produção de dependentes: a cultura do favor, do pistolão etc.

Sempre fui contra a república. Tinha sete anos e vinha do colégio primário, do grande colégio de que me lembro sempre com ternura e cheio de saudades da minha boa professora, Dona Teresa Pimentel do Amaral, quando me disseram que se havia proclamado a república. Não tinha naqueles tempos outras cogitações que não fossem a de glória, a da grande, imensa glória, feita por mim sem favor, nem misericórdia, e vi que a tal de república, que tinha sido feita, espalhava pelas ruas soldados embalados, de carabinas em funeral. Nunca mais a estimei, nunca mais a quis. Sem ser monarquista, não amo a república.⁵

Partimos do pressuposto de que esses sujeitos sociais, visíveis em sua obra, representam situações-limite cuja expressão pode ser avaliada pelas mudanças dos valores sociais, sentidas em todas as instâncias da sociedade. Há nesse decênio, da virada do século aos anos de 1920, a emergência de novos grupos sociais, até então sufocados pela ordem imperial, cujas ações ainda não estão bem delineadas: há uma conflituosa vivência entre passado e presente cuja expressão precisa ser melhor elaborada.

Ouvir a fala das suas personagens é, em certo sentido, procurar nelas as representações das ambigüidades, dos estranhamentos, das utopias, dos desejos e/ou recusas dos valores que emergem a partir da década de 80 do século XIX e início do XX, numa sociedade que precisa se reestruturar dentro dos moldes do capitalismo mundial, tendo como expressão máxima o reordenamento das condições de produção material da sociedade através do trabalho assalariado livre.

Qual é a lógica possível de ser encontrada nos textos de Lima Barreto? A sua lógica deve ser buscada no interior de seus escritos ficcionais e não-ficcionais. O seu testemunho é, em certa medida, o testemunho de alguém que viveu aquele processo de transição, no auge da reestruturação das ideologias dominantes – paternalismo, liberalismo, capitalismo. É, portanto, o testemunho de um indivíduo perplexo e inconformado com a permanência de uma lógica excludente do ponto de vista político, social e econômico.⁶ A intensidade do desconcerto, do estranhamento e do desencanto vivido e sentido pelo escritor aparecem em vários momentos de sua criação literária.

Quem fez nas primeiras idades uma representação da vida cheia de justiça, de respeito religioso pelos direitos dos outros, de deveres morais, de supremacia do saber, de independência de pensar e agir - tudo isto de acordo com as lições dos mestres e dos livros; e choca-se com a brutalidade do nosso viver atual, não pode deixar de sofrer até o mais profundo do seu ser e ficar abalado com esse choque para toda a vida, desconjuntado, desarticulado, vivendo aos trambolhões, sem norte, sem rumo e sem esperança.⁷

Por exemplo, na crônica "Elogio da morte", escrita em 1918, Lima Barreto reafirma esse sentimento de desesperança, de humilhação, denunciando falta de respeito e consideração com que eram tratadas as vozes dissonantes, em luta contra uma padronização impostada, e sem falta de espaço para os portadores de opiniões diferentes. A mercantilização das sensibilidades, a ausência de oportunidade para o exercício mental e moral, a isso somava-se o império do dinheiro e dos títulos: "a agitação de uma idéia não repercute na massa e quando esta sabe que se trata de contrariar uma pessoa poderosa, trata o agitador de louco."⁸

Uma leitura de Lima Barreto prescinde, nesse momento, do interesse apenas no seu perfil literário ou da sua personalidade intelectual, tantas vezes revisitados por seus críticos. No geral, essas críticas supervalorizam o seu autobiografismo, como se isto fizesse de sua obra algo menor.⁹ Há, na obra de Lima Barreto, elementos da sua experiência e vivência – da sua singularidade de indivíduo naquela sociedade – o que não significa que ela seja autobiográfica. O alto teor de crítica existente em Isaías Caminha é ignorado, ressaltando-se apenas os aspectos da personagem como criação da experiência individual do seu autor. Ora, Isaías encarna a violência do preconceito de cor que se desdobra em preconceito social, problema que se encontra nas raízes do dilema nacional e do próprio Lima Barreto. A sua superação para os negros era a inserção na cultura letrada.

Se a obra, calcada sobremaneira na experiência individual do autor, encerra uma crítica à valorização dos elementos de alta consideração social no país – o bacharelismo, o título, o anel de grau – , aponta também no caminho possível de redenção, através da cultura superior e da largueza de visão, posição esta na qual parece que Lima Barreto se enxergava.¹⁰

Assim também, as críticas que acentuam o seu desleixo e sua boêmia e, em consequência dela, a sua loucura.¹¹ Esses 'defeitos' se acentuam não somente porque ele era pobre e mulato mas, acredito, sejam mais pelo fato de ser ele um rebelde, um sonhador.

Até a sua boêmia deve ser relativizada. Francisco de Assis Barbosa, no prefácio que escreveu para a edição de 1956 do livro *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*, contesta essa fama e pergunta:

Que espécie de boêmio foi esse Lima Barreto que construiu toda a sua obra, palmo a palmo, sacrificando-se por inteiro pela literatura e que só da literatura e pela literatura quis viver? (...) Um escritor, que morre ao quarenta e um anos, deixando uma obra de dezessete volumes entre romances, contos, crônicas, ensaios de crítica literária, artigos políticos, sem faltar um só momento a uma diretriz firmemente traçada, desde a adolescência, não pode ser considerado, de modo algum, um boêmio.¹²

Ainda em defesa do escritor, Assis Barbosa afirma o quanto a figura de boêmio foi uma construção que alguns cronistas, contemporâneos de Lima Barreto, tentaram-nos impingir. E por que?

Há um certo silêncio, no entanto, sobre a loucura¹³ e como ela singulariza e configura um olhar diferenciado sobre aquela sociedade. Essa circunstância acentua o preconceito encarnado em sua pessoa particularmente. Ora, naquela sociedade não cabia um mulato que tivesse idéias e argumentos que se contrapunham às das elites. Daí ser qualificado de revoltado, tornando-se um alvo fácil de desqualificação, porque o seu pensamento e suas ações colocavam em xeque a estrutura da sociedade brasileira e dos seus valores. O que significa ser um louco e um revoltado? Até que ponto isso importa para a compreensão de seus escritos e a reconstituição daquela realidade social? Para o historiador, essa inter-relação autor e obra enriquece a abordagem da documentação, sendo a obra a manifestação dos conflitos e das ambigüidades inerentes ao indivíduo e ao meio social no qual ele vive a sua determinação.

Não discordamos de que há muito de sua vida na sua arte: Lima Barreto não esconde o seu desejo de relacionar a vida e a arte. É relevante compreender a vida e a arte do autor através das determinações da época, ou seja, compreender o peso de ser um mulato, um pobre, um louco, um revoltado. Importa, sim, alcançar a dimensão que ele dá a esses fatores e como por meio da linguagem procura transcender aquelas determinações.

Em 1909, quando chega ao público o seu livro de estréia *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*, Lima Barreto escreve a um confrade de letras que pretendeu mostrar, através daquela história, que um rapaz nas condições de Isaiás, com todas as disposições, pode falhar, não em virtude de suas qualidade intrínsecas, mas batido, esmagado, prensado pelo preconceito.¹⁴

O preconceito não permite que qualidades intrínsecas afluam. Esse preconceito se sustenta no determinismo biológico que aplicava sobre os não brancos um código natural inato a partir do qual as qualidades negativas e positivas eram fixadas de forma indelével. Esse conceito retira do social a responsabilidade pelo sucesso ou pelo fracasso dos negros, eximindo a sociedade em geral de discutir um dado que é social e histórico. Daí poder-se afirmar que nesse momento a história dos negros estava presa a um tempo natural e biológico.

O convencionalismo naquela sociedade respingava, de forma diferenciada, naqueles que procuravam outros caminhos e outras formas de inserção social. É significativa a constatação de que havia um preconceito que era generalizado aos homens de letras. As letras eram uma atividade ornamental, supérflua, e o “escritor” tinha que ter outra profissão para ganhar o pão de cada dia. A literatura viria apenas ornamentar e dar um certo *status* lúdico a homens sérios. O início da década de oitenta do século XIX marca um momento em que jovens “pretendentes” a escritores, tais como: Olavo Bilac, Coelho Neto, Raul Pompéia, Valentim Magalhães e Aluísio de Azevedo, grupo que foi mais tarde denominado de “geração boêmia”, querem profissionalizar a literatura e viver dos seus talentos “*sem precisar recorrer a outro tipo de ocupação*.”¹⁵

Esses rapazes, mesmo sendo brancos e ricos, não eram compreendidos e padeciam dos preconceitos vigentes contra os literatos e boêmios; eram desconsiderados, desprezados, mesmo quando faziam parte da boa sociedade. Estou tentando dizer que havia uma cultura que predisponha a grande maioria das pessoas daquela sociedade contra os literatos, independente de raça e condição social.¹⁶

Não há como negar toda a carga de preconceito que pesava sobre o escritor Lima Barreto e que se estendia, de forma generalizada, à grande maioria da população pobre e negra. Há uma vivência comum entre essa gente e o escritor que partilha, com ela, a cultura do subúrbio, retratando-a em sua obra. Para as elites, os pobres, mulatos e negros conspiravam a sociedade, a nação, a nacionalidade que elas desejavam criar e se defendiam dessa ambigüidade na luta cotidiana de negação do espelho, porque ao negar aquela gente negavam a si mesmos.¹⁷ Enfim, Lima Barreto, ao dar visibilidade e concretude a um outro mundo cultural latente dentro da cidade do Rio de Janeiro, explicita as tensões e os limites dos conflitos dentro daquele espaço.

As imagens produzidas sobre a sociedade deveriam confirmar, alimentar e colar na auto-imagem que a elite insistia em criar de si mesma, ou seja, qualquer construção sobre aquela sociedade que negasse a imagem que a elite esforçava-se em construir de si e, por extensão, do país era desconsiderada, ignorada, negada, desqualificada. As imagens literárias produzidas por Lima Barreto negavam o espelho.¹⁸ Ao satirizar, parodiar e ironizar a europeização de fachada, o nacionalismo ingênuo, a erudição superficial e desferir suas críticas àqueles que usavam da literatura para alimentar a busca da alteridade no outro muito distante, o escritor acaba por negar a possibilidade de se construir uma identidade nacional dentro daqueles moldes e mostra o reverso do espelho.¹⁹

Apesar dessas considerações, não se pode dizer que Lima Barreto não teve o seu momento de reconhecimento. O criador do romance urbano e social foi reconhecido em vida.

não foi desprezado em vida; suas obras foram registradas pela crítica, até mesmo pela acadêmica. Então e depois não faltavam elogios. Mas por motivos ainda não estudados acabou essa precária glória justamente com a vitória do modernismo de que Lima Barreto fora precursor.²⁰

Portanto, o meu desejo é romper com esse eixo do autobiografismo e do binômio mulato e pobre como uma determinação que explica todas as idiossincrasias e ambigüidades do escritor. Lima Barreto foi reconhecido em vida: se não pôde viver das letras, se se submeteu a anos de trabalho burocrático no Ministério da Guerra e se morreu pobre, isso não se deve somente ao fato de ser um mulato.²¹ Acho, portanto, necessário matizar esses elementos como norteadores das minhas análises e procurar compreender Lima Barreto como um exilado num *mar de analfabetos*, captar a sua profunda solidão²² e sua grande capacidade de sobrevivência em meio àquele caos: interessa, portanto, ler a sua experiência no texto que é uma mistura de ficção, história e autobiografia. Além do mais, a sua escrita, o seu texto traz embutidas todas as tensões, os conflitos, as divergências, as lutas, os antagonismos existentes entre os diferentes grupos na luta pelo espaço urbano.

A entrada compulsória do Brasil na era moderna formalizou as diferenças sociais manifestando as contradições do discurso do liberalismo social. A cidade do Rio de Janeiro do fim do século XIX e inícios do XX torna-se o palco onde os novos grupos e classes sociais, saídos de dentro da velha ordem imperial, vão viver essas contradições.²³ A necessidade de fazer da cidade o espelho e representação da nação para "*francês e inglês verem*", imagem que vai sendo construída à revelia do grosso da população, só era possível às custas do desrespeito aos direitos daqueles que não compartilhavam desse ideário. A esses seres, obrigados a andarem às margens de uma modernidade excludente e, em muitos aspectos fictícia, só restava vivê-la como uma brutalidade, como um choque. Viver aqueles anos "*aos trambolhões, sem norte, sem rumo e sem esperança*", não foi uma prerrogativa do escritor Lima Barreto. Embora seja ele que assim a escreve. Aquela modernidade era enlouquecedora para tantas outras pessoas. Lima Barreto viveu esse tempo e sua literatura transita entre dois momentos da história brasileira: o fim da ordem imperial e a implantação do regime republicano de governo.

A superação das práticas de rotina da dominação senhorial foi vivida com ambigüidade pela população pobre do Rio: o desmorronar da escravidão e da política de produção de dependentes foi em grande parte obra deles, escravos e homens livres pobres; mas à vitória se seguiu a experiência histórica e da derrota de qualquer perspectiva de mudança na lógica perversa de uma

sociedade cujo sentido essencial continuava a ser a naturalização das diferenças e a reprodução das relações desiguais. Ao contrário, dos amos e senhores às diligências policiais, dos escravos às "classes perigosas", do domínio senhorial da coisa pública à coisa pública dominada pelo racismo científico, o que se via era a construção da nova arena da luta de classe, a invenção dos novos significados sociais gerais que iriam instituir o lugar dos conflitos numa sociedade sem mudança.²⁴

Enfim, este trabalho procura estabelecer o diálogo com os textos literários deixados por Lima Barreto na perspectiva da história social, no desejo de contribuir para ampliar a visão histórica que temos das primeiras décadas de implantação do regime republicano no Brasil. Seus escritos oferecem fecundas pistas para a compreensão das experiências de sujeitos sociais na luta pela sobrevivência e da experiência de novas e diferentes relações sociais dentro do espaço urbano.

Este trabalho centra-se na análise e na interpretação de suas crônicas e dos artigos publicados em jornais e revistas da época, num período que se estende de 1900, data do primeiro registro de Lima Barreto em seu Diário íntimo a 1922, ano de sua morte. Depois de fazer a seleção das temáticas mais recorrentes nesses escritos, selecionei em sua obra ficcional passagens e construções que sintetizavam muitos dos temas contidos naquelas e que se encontram dispersos. Essas temáticas nas obras de ficção obedecem ao eixo imposto pelos temas constantes nas crônicas.

¹ PEREIRA, Lúcia Miguel, *Prosa de ficção*, p. 269

² PEREIRA, Lúcia Miguel, *Prosa de Ficção*, p. 269.

³ RIO, João do, *A profissão de Jacques Pederneira*, p. 108

⁴ As pesquisas sobre a orientação sexual de certas personalidades famosas da cultura ou da história brasileira que vêm sendo desenvolvidas por James N. Green procuram evidenciar as marcas e as dificuldades enfrentadas por esses escritores na busca de uma identidade para si e seus escritos. GREEN, James N. *Além do Carnaval*.

⁵ BARRETO, Lima. *Coisas do Reino de Jambon*. Publicada no *Correio da Noite*, Rio, 03.03.1915.

⁶ CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril*.

⁷ BARRETO, Lima, *Marginália*, p. 142.

⁸ *Idem*, p. 48.

⁹ No prefácio escrito para a 5ª edição de *Clara dos Anjos* pela Editora Brasiliense, Sérgio Buarque de Holanda reafirma essa característica nas obras de Lima Barreto e, especialmente, em *Clara dos Anjos*. Convém, no entanto, lembrar que nesse texto o autor tem como ponto de referência, Machado de Assis, como um exemplo de cuidado e capricho e como sua obra está muito além dos escritos de Lima Barreto. "*Não sei se é lícito escrever sobre os livros de Lima Barreto sem incorrer um pouco no pecado do biografismo, que tanto se tem denunciado em alguns críticos. No caso do romancista carioca, não só as circunstâncias de sua vida pessoal, tão marcada pelo desmazelo e a intemperança, parecem inseparáveis de sua obra literária, como afetam certamente muito dos juízos, benévolos ou desfavoráveis, que pôde suscitar.*" HOLANDA, Sérgio Buarque de, Prefácio "*Clara dos Anjos*", 5ª ed, p. 15

¹⁰ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Da cidade maravilhosa ao país das maravilhas*, p. 35.

¹¹ A primeira internação dá-se de 18 de agosto a 13 de outubro de 1917, a segunda de 25 de dezembro de 1919 a 2 de fevereiro de 1920. Dessa experiência surgiu um conto, "Como o homem chegou", um diário, *Diário do Hospício* e um romance inacabado, *O cemitério dos vivos*.

¹² BARBOSA, Francisco de Assis. Prefácio, *Recordações do escrivão Isaías Caminho*, p. 15.

¹³ Há uma relação intrínseca entre a vida, a obra e a loucura de Lima Barreto, é o que Roberto Vechi afirma: "*em Lima Barreto, de fato, a loucura possui a dupla valência trágica de tema literário e de elemento biográfico: a alteridade psiquiátrica, além de objeto narrativo, é, antes de mais nada, fator desagregante de identidade pessoal e vivencial do escritor. Se a loucura é, portanto, chave-mestra de penetração do universo fragmentado da formação do moderno brasileiro, no caso do escritor carioca isso acrescenta uma possibilidade a mais de vasculhar o espaço degradado de uma errância pobre pelos subúrbios que, mesmo imagetivamente, se desconstroem diante da investida do processo modernizador. (...) ator da tragédia da doença mental, mas, ao mesmo tempo, como espectador dessa própria tragédia que está representando diante dos seus olhos...(...) por isso, a loucura desempenha na escrita de Lima Barreto múltiplas funções.*" VECHI, Roberto. *Seja moderno, seja brutal*, p.119

¹⁴ Diário Íntimo, pp. 30.

¹⁵ Leonardo Affonso de Miranda Pereira em *a geração boêmia do Rio de Janeiro* faz um levantamento de quem eram os rapazes da década de oitenta, relatando a forma de sua inserção na sociedade daquele tempo, suas lutas, alegrias, sofrimentos e frustrações decorrentes do fato de não serem reconhecidos como profissionais e não poderem viver das letras. *Literatura e História Social*.

¹⁶ *A posição social privilegiada de muitos destes escritores era, no entanto, um fardo do qual eles tentavam livrar-se na tentativa de cortar os laços de solidariedade orgânica com uma camada dominante a qual eles tentavam transformar. Valentim Magalhães, por exemplo, é acusado por Arthur Azevedo, durante uma polêmica em 1885, de ser 'um ilustre moço criado com todo o mimo', se detendo longamente o teatrólogo e contista na caracterização de infância e juventude abastada de Magalhães.* MAGALHÃES, Raimundo Jr, p, 45.

¹⁷ Recorro novamente à opinião de Francisco de Assis Barbosa no mesmo prefácio *Recordações do escrivão Isaías Caminha* quando nos diz que "o verdadeiro Brasil está mais nos livros de Lima Barreto que nos dos escritores citadinos ou regionalistas, tidos e havidos como os mais representativos do nosso 1900: literatos como Graça Aranha, Coelho Neto, Afonso Arinos ou Valdomiro Silveira. Não foi, portanto, o injuriado caricaturista e planfetério quem deformou a realidade, mas os outros, que movidos por este ou aquele motivo, mas cheios das melhores intenções, como é uso dizer-se, pretenderam dar aos seus quadros, soi disant reais, tons mais alegres ou mais agradáveis, para disfarçar o que poderia parecer depreciativo, quando não vergonhoso à pudicícia nacional." p. 14

¹⁷ Esse é um momento crucial da busca de uma identidade possível para a nação visto que o modelo perseguido não se conformava à realidade de um país mestiço. Os intelectuais e literatos que deformaram aquela realidade o faziam tomando a parte pelo todo, ou seja, a parte era a elite ilustrada e era ela que importava para a criação da imagem da nação: *O efeito da representação faz com que o elemento isolado, o caco, o traço, o detalhe seja tomado como expressão do conjunto ou comparável a uma situação desejada. Assim não importava que a Rua do Ouvidor fosse quase um beco ou que a Avenida Central não tivesse a pompa e a dimensão da parisiense Champs Elysées, pois a sensação de viver numa metrópole dava sentido à existência.* PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Da cidade maravilhosa ao país das maravilhas*, p.34.

¹⁸ O conceito de Bovarismo é de extrema importância para a compreensão dos escritos de Lima Barreto. Esse conceito, Jules de Gaultier buscou na obra de Flaubert e, particularmente, na personagem de Emma Bovary e se traduziria na capacidade dos indivíduos de construir imagens de si próprios diferentes daquilo que são na realidade. Segundo Sandra Jatahy Pesavento, *o bovarismo seria responsável pela décalage entre o real e o imaginário, levando as pessoas a enxergarem, a si próprias e o mundo, de uma forma distorcida. Estaríamos, pois, diante de uma capacidade de representar o mundo que não obedece mimetismo ou imagem reflexa com relação ao real concreto, mas o transfígura.* Revista de História, p.31

¹⁹ BARBOSA, Francisco de Assis, p.14

²⁰ CARPEAUX, Otto Maria, pequena *bibliografia crítica* da Literatura Brasileira. Carpeaux, afirma, ainda, que após o movimento modernista, *seguiu-se um longo eclipse sobre o autor, mesmo quando Agrippino Grieco ainda se batia pela memória do mulato genial. A partir de 1940, mais ou menos a fama de Lima Barreto não cessou de crescer.* p.216. Por que será?

²¹ Segundo Leonardo A. de M. Pereira, "nem todos, no entanto, conseguem se livrar das dificuldades causadas pela precária situação das letras no país. No início da década de oitenta, em especial, um grande contingente de jovens literatos sofrem na pele as consequências desta desconsideração do seu ofício. (...) Mesmo a publicação de romances como *Helena*, do já prestigiado Machado de Assis, rendia ao seu autor, em 1876, meros 600\$000 (...). Quando jovem Machado de Assis "via-se obrigado a recorrer aos empréstimos financeiros, os quais mostrava grande dificuldade para pagar (...) o endividamento, no entanto, era um recurso que se tornaria comum nos meios literários, como forma de amenizar a vivência de carências e dificuldades por parte destes escritores." p.44

²² Há um registo no *Diário íntimo* de Lima Barreto que revela o profundo isolamento e o tédio que o acometia: *Amanheci mal, tive até um sonho erótico. Saí às nove horas, fui à missa na igreja da Glória. Como estivesse embotado com a má noite que passei, não pude tomar uma nota. Vim à cidade, almocei com os Batistas, bons rapazes. Fui ao Leme, aborreci-me. O Metelo, um rapaz gago de Mato Grosso, caceteou-me enormemente. O Pereira, burro e sem nenhum relevo, encheu-me de sono a volta. Por desencargo de consciência, fui à casa do César Vilares, um bom rapaz, a quem devo vários favores, mas que é extraordinariamente aborrecido como companhia, pois por falta de hábito é gauche conversador. Em casa voltei. Esquecia-me de dizer que na Sexta fui com minha irmã à casa do Artur, dancei e bocejei. É o que tenho a lembrar desses quatro dias.* *Diário Íntimo*, p. 63-64.

²³ Assim escreve Murilo de Carvalho em *Os bestializados* sobre o otimismo trazido pelo novo regime: "*Embora proclamado sem a iniciativa popular, o novo regime despertaria entre os excluídos do sistema anterior certo entusiasmo quanto às novas possibilidades de participação. O jornal Voz do Povo, também do Rio de Janeiro, cuja publicação foi iniciada menos de dois meses após a proclamação da República, referiu-se a uma nova era para o operário brasileiro trazida pelo novo regime, comparável à que foi aberta pela Revolução de 1789. No regime antigo, segundo o articulista do jornal, os operários eram os servos da gleba, a canalha, com todos os deveres e nenhum direito. Agora eram livres, iguais e soberanos, viam-se colocados na vanguarda do progresso da pátria.*" p,

²⁴ Id., Ibid.